

Cidade X política

Nos últimos anos a mediocridade e a visão míope e torpe da política brasileira fizeram-se presentes em todas as esferas de nossa sociedade, principalmente no que tange ao espaço urbano.

Os fatos históricos do caos no trânsito, o crescimento desordenado das favelas e invasões, mais o crescente problema da insegurança pública e, por último, o recente caos nos aeroportos – este visto como sinônimo de prosperidade econômica – são alguns exemplos do que a política de interesses pode ser capaz em pouco tempo.

Infelizmente, na política não existe o certo ou o errado, mas sim o conveniente. Por conveniência e por interesses outros que não sejam os do bem-estar da cidade, as favelas e as invasões foram crescendo patrocinadas, em muitos casos, por políticos desejosos de criar ou ampliar seus redutos eleitorais. A falta de investimentos infra-estruturais nas cidades – que se verifica há décadas – resultou, nos últimos anos, em inundações, em vias saturadas e engarrafadas, em esgotos a céu aberto, em problemas nos abastecimentos de água e de energia. Problemas que permanecem sem solução, embora já estejamos no século XXI.

Independentemente da sigla partidária, os “projetos políticos” falam mais alto do que soluções técnicas para os problemas urbanos.

Cada nova gestão, cada novo partido no poder, marca sua presença com novas intervenções urbanas que se sucedem e em poucos casos possuem continuidade, aumentando ainda mais a fragmentação da cidade atual. Se pudermos considerar a cidade como o campo de interesses diversos, de grupos heterogêneos que vêm construindo-a século após século, os interesses políticos dos últimos anos descobriram nela própria o seu palanque urbano, onde fincam sua bandeira através de obras que deixam sua marca na história urbana.

O crescimento planejado a longo prazo é trocado pelo imediatismo político, visando às próximas eleições. As prioridades e o foco são invertidos e estão, em sua maioria, voltados para obras que chamem a atenção (para o bem ou para o mal, não faz diferença), enquanto os problemas urbanos sérios são relegados a segundo plano, ao sabor da existência ou sobra de verbas.

Se as campanhas políticas fossem ganhas sob a égide do enfrentamento sério dos problemas urbanos, ao invés de propostas de grande retorno político, com certeza, hoje, nossas cidades estariam em um nível muito melhor de qualidade de vida.

■ ■ **Fabiano Dias** é arquiteto-urbanista.
fabiano@urbearquitetonica.com.br